

Convergência, Jornalismo Participativo e *app* jornalístico: a notícia na TV Vanguarda¹

Alexandra Fante NISHIYAMA²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Tatiane E. M. de CARVALHO³

Faculdade Canção Nova, Cachoeira Paulista, SP

Resumo: Estimulado pelas novas tecnologias, o jornalismo passa por reconfigurações que abarcam não só o consumo, mas também a distribuição e a produção da notícia. Baseado nos conceitos de convergência midiática, participação e jornalismo móvel, este estudo apresenta uma discussão teórica centrada, principalmente, na comunicação digital e no telejornalismo e expõe uma métrica quantitativa sobre a participação dos sujeitos na construção da notícia televisiva, por meio do envio de informações pelo *app* Vanguarda Repórter. A metodologia investigativa proposta se deu em uma semana de observação do telejornal Link Vanguarda, exibido de segunda a sábado, às 12h pela TV Vanguarda.

Palavras-chave: Jornalismo móvel; Jornalismo Participativo; Convergência Midiática; *App* jornalístico; Telejornalismo.

Tendo como premissa os conceitos e a análise que serão apresentados neste artigo, considerou-se eficiente começar o texto com uma citação de Jenkins, “bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (2009, p.29). Esta citação contempla a transformação que passa o jornalismo contemporâneo e que envolve mudanças profundas e conceituais na produção, na distribuição e no consumo da notícia.

Vislumbrando este cenário, serão abordados aqui os conceitos de convergência (JENKINS, 2009), jornalismo participativo (BOWMAN; WILLIS, 2003) e sobre a participação e a proximidade como valor-notícia (SATUF, 2013; TRAQUINA, 2004). O estudo também envolve a observação empírica, com a análise do telejornal Link Vanguarda, da TV Vanguarda, no horário das 12h às 12h45, entre os dias 27 de junho e 02 de julho e o

¹ Trabalho apresentado no **GP Teorias do Jornalismo** do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutorado sanduíche pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: alexandrafante@yahoo.com.br.

³ Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduada em Comunicação Social, habilitada em Jornalismo pela Fatea – Faculdades Integradas Teresa D’Ávilla. Professora da Faculdade Canção Nova nos cursos de Jornalismo e Rádio e TV. E-mail: taticulalia@yahoo.com.br

*app*⁴ jornalístico Vanguarda Repórter, que consiste em uma plataforma disponível para o envio de sugestões de pautas, por meio de textos, vídeos, áudios e imagens.

Convergência

Define-se como convergência a junção de tecnologias, de sistemas e de processos que, aderem e se adaptam à internet, com o objetivo de usá-la como canal, para produção, distribuição e/ou consumo da notícia (JENKINS, 2009; ÁVILES, ALIAGA, MASIP, 2008).

A convergência de tecnologias se dá nas mensagens que surgem a partir de diferentes narrativas e, que compreende a junção dos mecanismos de distribuição da informação, mediada na internet. A convergência como sistemas é o resultado da junção das tecnologias na produção da notícia. E ao tratar do processo, pontua-se que não se dá em uma perspectiva tecnológica, mas como ação de recepção e interação social e cultural.

A partir desta perspectiva, tem-se como problema verificar se duas formas de convergência, a de sistemas e a de processo, acontece entre os utilizadores do *app* jornalístico Vanguarda Repórter e o telejornal exibido pela emissora. A hipótese é a de que há convergência de sistemas e de processo com a participação e exibição das pautas enviadas pelos indivíduos via *app*. O objetivo deste estudo é verificar quantitativamente a convergência entre *app* e a participação dos cidadãos na produção da notícia televisiva.

A princípio, as empresas de comunicação migraram para a internet, de forma experimental, apresentando o conteúdo transpositivo (CANAVILHAS, 2006). O que era produzido para um meio era publicado em outro, sem qualquer alteração. A este processo, denominou-se *shovelware* (SALAVERRÍA, NEGREDO, 2008). Considera-se que neste modelo, não há convergência, pois se dá apenas de forma tecnicista. Jenkins (2009), afirma que o que importam no processo são os fluxos, os processos e os aspectos culturais, onde se dá a circulação, que não acontece nos aparelhos, mas nos cérebros de cada pessoa e em suas intenções. O pesquisador afirma que devem ser consideradas três perspectivas, a convergência dos meios, a cultura participativa e a inteligência coletiva.

Tendo o *app* jornalístico Vanguarda Repórter como um dos objetos de observação, plataforma que está disponível em dispositivos móveis, miniaturizados, portáteis e funcionais, que favorecem a mobilidade física e informacional (SILVA, 2008), afirma-se que o ecossistema e os fluxos que envolvem o jornalismo são alterados. Desta forma, as empresas de comunicação precisam repensar o espaço virtual como um lugar real, onde

⁴ Para se referir a aplicativos será usada a abreviação *app*.

acontece a circulação de conteúdos comunicacionais e sociais. A convergência deve ser vista como “um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais [...] em direção a múltiplos modos de acesso [...]” (JENKINS, 2009, p.325). A cultura da convergência é estimulada pela era do acesso que altera a dinâmica da vida social e os mercados (RIFKIN, 2001).

Os aparelhos com funções de foto, vídeo, áudio e escrita e conectados acompanham as pessoas a qualquer lugar e isso muda, profundamente, não só as possibilidades tecnológicas, mas também a forma com que a sociedade se relaciona com as mídias. “A convergência refere-se a um processo, não há um ponto final. Estamos vendo a emergência de um novo paradigma que afetará profundamente nossas relações sociais, políticas e culturais” (GALANTE; GUARESCHI, *s.d*, p.6). Como processo, a convergência altera o consumo e também as formas de produção da notícia.

Telejornalismo e *App* jornalístico

Pode-se afirmar que o jornalismo é uma das atividades mais antigas da humanidade, desde que o homem da caverna buscava, de alguma forma, se comunicar com seu clã, pois o homem tem a necessidade pessoal, o interesse e a curiosidade e interesse em obter informações (BELTRÃO, 2006).

Entre os critérios para definir se um assunto é jornalismo, está a atualidade de fatos, que sejam de interesse público, que busquem a promoção do bem comum (BELTRÃO, 2006) e estimulem a democracia (TRAQUINA, 2005).

Entre as narrativas jornalísticas, o telejornalismo abarca o uso do som e da imagem e, torna o formato, um fenômeno na década de 1950, oferecendo novas características comparadas ao rádio e ao impresso. No ano 2000, com o advento da internet, as empresas de comunicação começam a experimentar um novo meio, que precisava ser explorado, compreendido, pesquisado e vencido (BARBEIRO, LIMA, 2002). Há uma reconfiguração no jornalismo devido ao grande fluxo de informação diária e uma nova plataforma que se apresenta.

Com a emergência do uso dos dispositivos móveis, que acompanham os indivíduos quase que em todo tempo e a conexão *always on* (PELLANDA, 2009) as notícias passaram a ser acessadas de forma quase que imediata (TEMER, 2009). Esse comportamento mudou não só o consumo de notícias, mas também a forma de distribuição de conteúdo e a

produção. A interatividade é a palavra-chave nesse movimento de comunicação que deixa de ser de um para muitos, se convertendo de muitos para muitos.

Ressalta-se que, no caso da televisão, a interatividade⁵ surgiu em uma nova modelagem, em 1992, quando a Rede Globo lançou o programa *Você Decide*⁶. Em seguida surgiram programas, como *Big Brother Brasil*, *No Limite*, *The Voice*, entre outros, que o público podia ligar e interferir no andamento e final.

Contudo, com a internet, surgiu o webjornalismo e as possibilidades interativas foram exponenciadas com os recursos da nova via comunicativa. O telejornalismo se apropriou da web, como um novo canal, mesmo que seus conteúdos ainda se deem, em boa parte, num modelo transpositivo de conteúdo. Não só o telejornalismo, mas o jornalismo passa por uma midiamorfose (FIDLER, 1997), entre as mudanças está o uso dos *apps* jornalísticos, que reúnem textos, imagens, áudios, vídeos, entre outras narrativas. A nova plataforma não é excludente, ao contrário, toma para si os predicados das mídias tradicionais e apresenta novas características.

Lemos (2009a) pontua que nesse ecossistema surge o “jornalista de bolso”, “jornalista de mochila” ou “backpck”, que possui o celular como produtor, emissor, receptor e até como consumidor de informações. A difusão e produção são para Silva (2008), duas modalidades complementares que fazem parte do jornalismo móvel e descrevem de forma mais próxima “este fenômeno por se constituir em uma prática jornalística que se utiliza da web móvel e de aparelhos como celular em condições de mobilidade”.

O *smartphone*, multifuncional e popular, também deu ao sujeito possibilidades de produzir conteúdos. As empresas de comunicação viram nesse contexto, o desejo e o engajamento de grupos que queriam participar das notícias e uma forma de permitir a participação cidadã de uma forma mais ativa.

⁵ Ao restringir a reflexão apenas sobre o aparelho de televisão, Lemos (2005) pontua os estágios do conceito de interação que evoluiu com a tecnologia. Num primeiro momento, que ele chamou interação nível 0 (zero), se dá com transmissão em preto e branco e dois canais disponíveis, a interação com a TV se limitava apenas ao ato de ligar ou desligar o aparelho, regular o volume ou cor e brilho, ou ainda trocar os canais. Com o controle remoto, o autor denomina o nível 1 de interação. A popularização de câmeras portáteis, jogos eletrônicos e o uso do vídeo cassete integrado ao televisor faz surgir o nível 2. O nível 3 acontece quando o usuário pode interferir na programação por meio de telefone, fax ou e-mail, como exemplo o Programa *Você Decide*, da Rede Globo. Por fim, o nível 4, Lemos chama de televisão interativa que permite escolher os ângulos das câmeras para assistir ao um jogo de futebol.

⁶ O programa televisivo, de entretenimento, *Você Decide*, era exibido semanalmente, pela Rede Globo, entre 1992 e 2000. Foi o primeiro programa interativo da televisão brasileira. Em cada episódio eram encenados casos especiais, com um final diferente a ser escolhido pelos telespectadores através de votações via telefone. As ligações tinham custo e mesmo nessa condição recebi milhares de ligações semanalmente.

Várias emissoras têm utilizado perfis em redes sociais e/ou aplicativos para smartphones e tablets. Dessa forma, a pessoa pode estabelecer conexões e vínculos mais próximos com a emissora em qualquer hora e qualquer lugar. Pode enviar conteúdo como fotos e vídeos, além de texto. Alguns aplicativos são desenvolvidos para uso exclusivo de uma emissora (ANELO, 2015, p. 09)

Os suportes móveis favorecem e estimulam a mobilidade física (deslocamento espacial) e informacional (das notícias acessíveis em *smartphones* e *tablets*) (LEMOS, 2009b). Esta realidade é percebida no acesso dos *apps* jornalísticos, plataforma que reinventou o formato das notícias, diferenciando o conteúdo e promovendo uma nova experiência de leitura em mobilidade e de personalização (RUBLECKI; BARICHELLO, DUTRA, 2013).

No que diz respeito a conteúdos informativos, os aplicativos já representam mudanças na própria forma de consumo, já que são disponibilizados dentro das plataformas, em lojas especializadas, de acordo com categorias definidas dos sistemas operacionais, o que pode ser e é visto como uma vantagem de negócios [...] (MELLO *et al*, 2015, p.93).

Segundo Castellet (*apud* AGUADO, 2013, p.11), o caráter disruptivo dos *apps* se dá em quatro aspectos: facilita a gestão de descobrimento e acesso a conteúdos e aplicações; constituem um modelo de distribuição massivo que competem com a grande mídia; São uma alternativa eficaz e lucrativa para aumentar a visibilidade dos meios tradicionais; E se tornaram um novo modelo de negócio para o conteúdo digital.

Pode-se afirmar que a potencialidade dos *apps* está na valorização da individualidade, do gosto pessoal e da conectividade.

De acordo com a Rede Vanguarda⁷, o *app* Vanguarda Repórter é uma ferramenta para aproximar o público da redação, com pautas mais próximas do cidadão / telespectador. A empresa ainda relata que os pauteiros e jornalistas continuaram com seu trabalho, checando as informações, porém a plataforma é uma ferramenta que fará com que a notícia chegue mais rápida.

A proximidade e a participação como valor-notícia

O jornalismo e o lugar sempre estiveram intrinsecamente ligados na história da humanidade. Os anúncios do comércio das cidades eram o conteúdo dos primeiros jornais (TRAQUINA, 2004). Logo, foi à própria cidade e seus acontecimentos e personagens que

⁷ Matéria publicada no dia 16 de março de 2016. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/sp/tv Vanguarda/noticia/2015/03/rede-vanguarda-lanca-aplicativo-vanguarda-reporter.html>. Acesso em: 10/07/2016

começaram a estampar as páginas dos impressos (GONÇALVES, 2000). O valor-notícia⁸ da proximidade é o elo que liga o jornalismo a um lugar, que pode se referir ao conceito geográfico ou de interesse, criando um território informacional (LEMOS, 2007), chamado de jornalismo de proximidade (CAMPONEZ, 2002).

O outro valor-notícia que se considera base desta pesquisa é a participação (SATUF, 2013)⁹, baseada na cultura do compartilhamento que força os jornalistas a verificarem os conteúdos produzidos pelos cidadãos. No caso desta observação, considera-se a participação como valor-notícia no engajamento da sociedade no envio de pautas para a produção de notícias *broadcast*¹⁰.

São os valores-notícia da proximidade e da participação ao qual se aterão às discussões. Mas, qual a razão da proximidade e a participação serem abordadas aqui como complementares?

Conforme já abordado, a proximidade pode se dar pela territorialidade real ou simbólica, por sua vez, remeter ao sentimento de pertença a um lugar ou uma comunidade e seus membros. Sendo assim, com a emergência e a popularização do ciberespaço a partir dos anos de 1990 (FIDLER, 1997), o sentido de territorialidade assumiu o significado de pertencimento, desencaixando-se da localização física. Agora é possível pertencer à distância, num ambiente de coexistência de ambas as formas (PALACIOS, 1993).

Não é que o território não possua mais valor para a comunidade. Ocorre que agora esse território pode ser físico-geográfico ou simbólico. Assim, adquire relevância o sentimento de pertença, já que se pode pertencer à distância. O que está em jogo é a vontade e os interesses dos membros (PERUZZO, VOLPATO, 2009, p.146).

A questão do lugar também está ligada, diretamente, às novas tecnologias, especificamente, o *smartphone*. Ao permitir que os telefones deixassem de ser fixos, ligados

⁸ Traquina (2002, 2004) elenca como valores-notícia, 1) a morte, como elemento negativo no mundo jornalístico; 2) a notoriedade, referente ao ator principal do acontecimento; 3) a proximidade, no aspecto geográfico e também cultural; 4) a relevância, que confere ao jornalismo o compromisso de noticiar acontecimentos importantes; 5) a novidade de um furo ou uma nova informação sobre a notícia velha, que chama a atenção dos jornalistas; 6) o tempo, que traz notícias atuais ou pode reaver notas importantes do passado; 7) a noticiabilidade (A noticiabilidade pode envolver registros devido ao número de pessoas envolvidas em um acontecimento; a inversão de fatos, que remete à contrariedade da normalidade; o insólito, que conota algo incomum; a falha, a algo com defeito ou por insuficiência do fluxo normal e regular; e, o excesso e escassez) como cobertura de acontecimentos; 8) o inesperado que irrompe ou surpreende a expectativa; 9) o conflito ou controvérsia ao envolver discussões ou violência física; 10) e o escândalo, que dá a característica de “cão de guarda” ao jornalismo.

⁹ Satuf (2013) apresenta três novos valores-notícia para o jornalismo contemporâneo, digital e móvel, sendo a hashtag, a redundância e a participação.

¹⁰ Defini-se como produção *broadcast*, materiais audiovisuais, sonoros ou textuais que envolvam profissionais qualificados e capacitados e equipamentos profissionais, de alta resolução e digital, para a produção e distribuição de conteúdos.

a fios e passaram a ser miniaturizados, conectados à internet e móveis, geralmente, unido ao corpo quase que em tempo integral, as pessoas passaram a acessar os conteúdos jornalísticos e receber alertas, de forma ubíqua. “A mobilidade dos corpos convergiu com uma estrutura tecnológica capaz de acompanhar todas as atividades cotidianas. O lugar da comunicação passou a ser qualquer lugar. O tempo de comunicação passou a ser qualquer tempo” (REZENDE, 2016, p.17). A mobilidade física dos aparatos tecnológicos concede ao jornalismo maior proximidade de consumo e interação.

A razão da proximidade e da participação serem abordadas aqui justifica-se em dois aspectos. A primeira ligação se dá em relação à ação de participação, pelo envio de pautas por meio do *app* Vanguarda Repórter, que acontece em razão da proximidade de localização ou interesse ao assunto, o que remete à convergência de processos. O segundo ponto reflete a facilidade propiciada pela tecnologia, presente nos *smartphones*, com suas multifuncionalidades de hardware, usadas na captura de imagens, sons e produção de textos, resultando na convergência de sistemas.

Jornalismo participativo

O jornalismo participativo é entendido como um fenômeno emergente, um ato de um cidadão ou grupo de pessoas que desempenham um papel ativo no processo de recolher, informar, analisar e disseminar informação, portanto possui a lógica de produção “de baixo para cima”, na qual não há supervisão profissional ou formal e busca o diálogo, a colaboração e o igualitarismo acima da lucratividade. Portanto, possui diferenças básicas de estrutura e organização em relação ao jornalismo tradicional (BOWMAN, WILLIS, 2003).

O que está emergindo é um novo ecossistema dos meios, onde as comunidades em linha discutem e ampliam as histórias criadas pelos meios tradicionais. Estas comunidades também produzem jornalismo participativo, reportagem local, reportagem inovadora, comentários e verificação de acontecimentos, que os meios tradicionais aprovam como fontes e ideias para histórias (BOWMAN; WILLIS, 2003, p. 13).

Essa intervenção no jornalismo tradicional, que permite a interlocução e a contribuição com pautas, no envio de vídeos, textos, imagens, admite a aproximação dos cidadãos na notícia, que resulta em proximidade, interação, engajamento voluntário (DEUZE, 2004), novas demandas de plataformas, transformações nas redações e na função cotidiana do jornalista, além de criar uma sensação de confiabilidade por parte da audiência e dos interagentes (BOWMAN, WILLIS, 2003).

Para Chaparro (2004), o jornalismo vive a revolução das fontes, que “alterou a fisionomia e a lógica do jornalismo. Há problemas novos, que ainda não compreendemos, como o do esvaziamento das antigas funções e dos antigos poderes das redações¹¹”. Uma das maiores mudanças nas redações é que o jornalismo voltou a ser feito fora delas, de volta às ruas, com jornalistas carregando equipamentos móveis e conectados, as notícias são produzidas e publicadas quase que em tempo real, evidenciando o fim do *deadline* e instaurando a cultura do imediato, da atualização constante. Esses equipamentos, muitas vezes, um *smartphone*, também permitem ao cidadão comum à mobilidade e a possibilidade de produzir e distribuir conteúdos, o que potencializa o jornalismo participativo.

Entretanto, neste contexto, Primo e Träsel (2006, p.1), questionam se “todo cidadão é um repórter?”. Os autores levantam outros questionamentos como: Os acontecimentos relatados seriam feitos pelos próprios personagens? (2006, p.6). “E quanto aos valores como imparcialidade e objetividade, que ainda são defendidos no contexto massivo e nas escolas que formam profissionais para o jornalismo tradicional?” (2006, p.16). Por fim, “duvida-se da postura ética dos ‘cidadãos-repórteres’ sem conhecimento formal em jornalismo ou que não contem com o respaldo de uma reconhecida instituição jornalística” (2006, p.6). Malini (2008, p.11), também rebate outro lado do “jornalismo cidadão” se referindo ao posicionamento dos meios de comunicação, pois, ao enviar conteúdo, a pessoa precisa aceitar as normas de uso e concordar com o Termo de Compromisso, com exceção dos Direitos Autorais, ou seja, o conteúdo é cedido à empresa de comunicação e, então, torna-se propriedade alheia, enquanto alguém lucra.

Análise

A análise se deu no *app* jornalístico Vanguarda Repórter e o telejornal Link Vanguarda, que é disponibilizado e transmitido pela Rede Vanguarda. De acordo com informações do site da emissora, a Rede irá completar neste ano 13 anos, contendo duas geradoras, São José dos Campos e Taubaté, com 72 canais, atendendo-se para 46 municípios no Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira, Vale Histórico, Região Bragantina e Litoral Norte. A programação da emissora é 100 %¹² local e região e hoje conta com os telejornais Bom dia Vanguarda, Link Vanguarda e Jornal Vanguarda.

¹¹ Artigo publicado no Portal Comunique-se, em 16/01/2004, por Carlos Chaparro, com o título Quarta revolução, a das fontes. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/comentarios/mural18.htm>. Acesso em 11/03/15.

¹² Sua programação local e região citada como 100% é de acordo com o espaço livre em que a Rede Globo, como emissora matriz, libera de produção local.

No dia 16 de março de 2015, a TV Vanguarda lançou o *app* Vanguarda Repórter, de acordo com a emissora¹³, com o objetivo de receber colaborações dos telespectadores para o jornalismo produzido pela emissora. O *app* permite que o público envie sugestões de pautas, por meio do *smartphone*, com fotos, textos ou vídeos de acontecimentos na região. O *app* está disponível para os sistemas Android¹⁴ e iOS¹⁵ e até o dia 04 de maio de 2016¹⁶ foram feitos 128.433 *downloads*.

Verificou-se que após fazer o download do *app* era necessário realizar um cadastro e se submeter, automaticamente, às regras e condições dos Termos de Uso, manifestando total concordância com cada tópico. Apenas após esta etapa é possível usar o *app*. Entre as condições de uso estavam: ser maior de 18 anos, assumir total responsabilidade por possíveis infrações que o material possa originar, pagar por custos da operadora de telefonia celular para o envio de material, conceder à Rede Vanguarda a utilização do material gratuitamente e por prazo indeterminado, assumir a responsabilidade de toda e qualquer licença de direito autoral ou intelectual que sejam requeridas por donos de propriedades privadas do material enviado, entre outros.

Tendo como premissa que o *app* não tem como objetivo o recebimento de notícias, mas o envio de pautas, observou-se o canal televisivo digital e aberto 19.1, da TV Vanguarda Taubaté, especificamente o telejornal Link Vanguarda, exibido das 12h às 12h45, de segunda a sábado, entre os dias 27 de junho de 2016 e 02 de julho de 2016, resultando em uma semana de análise. O objetivo da observação foi o de quantificar as reportagens exibidas pelo telejornal, produzidas a partir da participação colaborativa enviadas pelo *app*.

No dia 27 de junho de 2016, segunda-feira, foram exibidas 15 matérias, entre link's ao vivo, notas cobertas e notas, no total. O quadro 7 maravilhas da região¹⁷ recebeu a contribuição de quatro fotos, enviadas de forma colaborativa.

Em 28 de julho de 2016, terça-feira, totalizou 17 o número de matérias exibidas no telejornal (entre links ao vivo, notas cobertas e notas), sendo uma delas com conteúdo colaborativo por meio do *app*. A pauta com o tema “segurança”, tratava sobre a tentativa de furto em um banco de Caraguá.

¹³Matéria pública da G1 Vanguarda, no dia 16/03/2015. <http://redeglobo.globo.com/sp/tvvanguardia/noticia/2015/03/rede-vanguardia-lanca-aplicativo-vanguardia-reporter.html>. Acesso no dia 10/07/2016.

¹⁴ Sistema operacional do celular Google.

¹⁵ Sistema operacional do celular Apple.

¹⁶ Informação divulgada no telejornal Link Vanguarda, da Rede Vanguarda, no dia 04 de maio de 2016, às 12h20.

¹⁷ O público alvo envia fotos, pelo *app* ou e-mail, de paisagens bonitas da região do Vale do Paraíba.

No dia 29 de junho de 2016, quarta-feira, foram exibidas 15 matérias (entre links ao vivo, notas cobertas e notas) e com o valor-notícia da participação, houve a participação colaborativa em uma matéria, com a exibição de quatro fotos.

Em 30 de junho de 2016, quinta-feira, o jornal exibiu 13 matérias (entre links ao vivo, notas cobertas e notas), sendo que em uma nota coberta, foram usados fotos e vídeos enviados pelos telespectadores pelo *app*. A pauta foi sobre um acidente de trânsito, em Taubaté. Também houve participação no quadro 7 maravilhas da região, com exibição de quatro fotos.

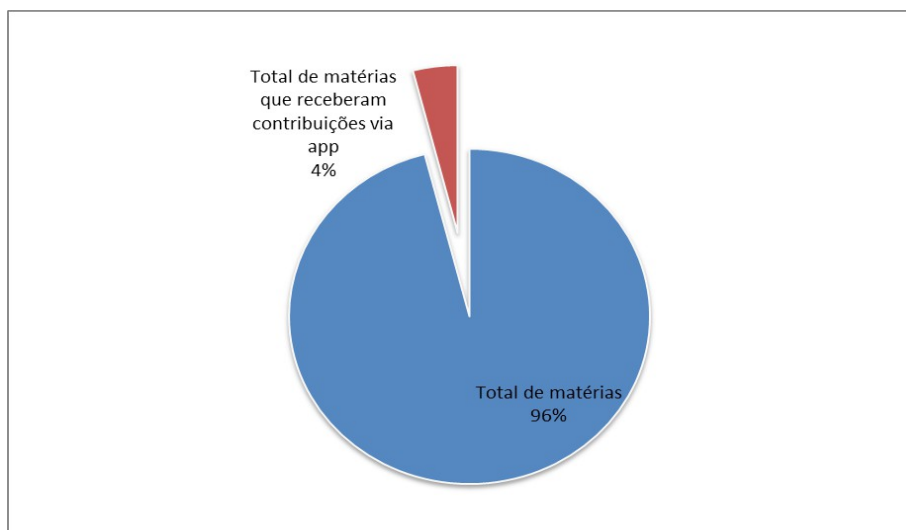
No dia 1 de julho de 2016, sexta-feira, totalizou-se 12 matérias exibidas (entre links ao vivo, notas cobertas e notas). Destas, o quadro 7 maravilhas da região, recebeu a colaboração de seis 6 fotos, a partir do *app*.

Em 2 de julho de 2016, sábado, o jornal exibiu 12 matérias (entre links ao vivo, notas cobertas e notas). A pauta que tratava sobre um acidente na via Dutra, em Taubaté, recebeu contribuições de fotos e vídeos. Os valores-notícia pontuados foram da proximidade e da participação. No mesmo dia também foram recebidas cinco fotos para o quadro 7 maravilhas da região.

Conclusão

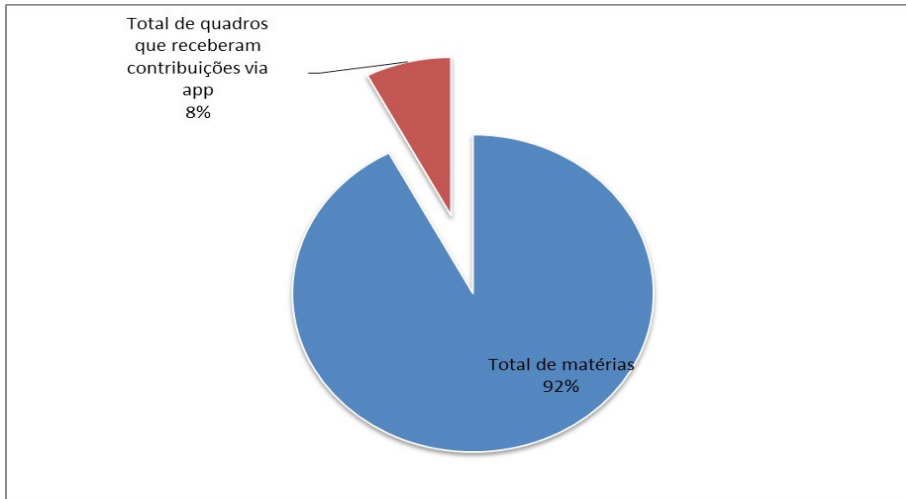
Do universo de 72 notícias, quadros e notas exibidos no telejornal Link Vanguarda, transmitido pela Rede Vanguarda, 3 matérias receberam contribuições via o *app* Vanguarda Repórter, totalizando 4% do conteúdo do telejornal.

Gráfico 1 – Participação via app nas matérias



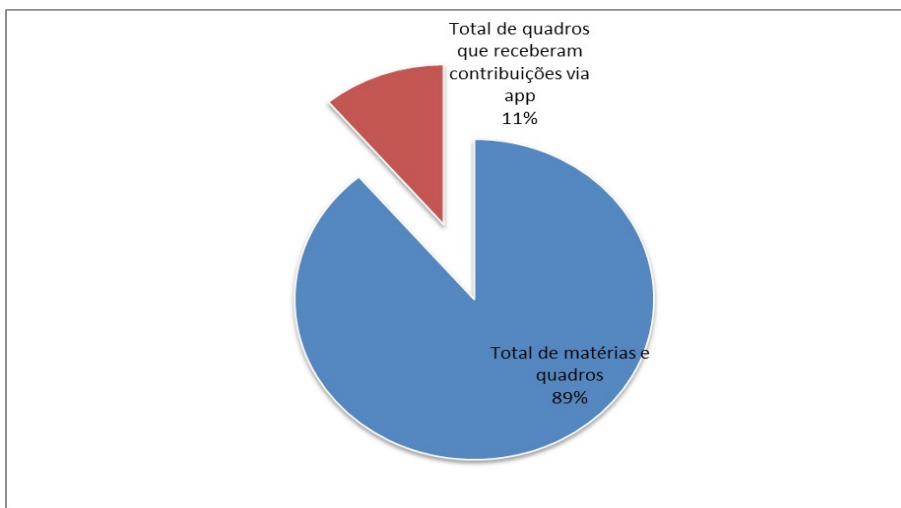
A participação nos quadros foi maior, alcançou 8%, no universo total de 72 notícias, quadros e notas exibidos no telejornal.

Gráfico 2 – Participação via app em quadros



Considerando todas as participações, independente do gênero jornalístico, a participação colaborativa via *app* se deu em 11% do conteúdo do telejornal, no período de observação.

Gráfico 3 – Participação via app em notícias e quadros



Conclui-se que o jornalismo participativo começa a fazer parte do jornalismo tradicional, na TV Vanguarda, ao constatar que em todos os dias observador, foram usados como conteúdos informacionais, pautas, imagens e vídeos enviados via *app* Vanguarda Repórter. Ao acessar o *app*, o usuário pode interagir com a equipe com mensagem privada,

enviar informações (textos, fotos e vídeos), consumir o conteúdo do portal G1 e G1 Esportes e criar uma galeria de fotos e vídeos para seu armazenamento pessoal. A quantificação e constatação foram feitas a partir dos créditos dados durante a exibição do telejornal.

Ao mesmo tempo que verifica-se a presença do jornalismo participativo, comprova-se a convergência nos dois aspectos pontuados anteriormente, nos processos e nos sistemas. A convergência de processos se deu no envio das pautas para o telejornal a partir da plataforma do *app*. A convergência de sistemas é constatada com o uso dos smartphones na captura de imagens e vídeos e também do acesso ao *app* usando o dispositivo.

e sobre a participação e a proximidade como valor-notícia

A razão da proximidade e da participação serem abordadas aqui justifica-se em dois aspectos. A primeira ligação se dá em relação à ação de participação, pelo envio de pautas por meio do *app* Vanguarda Repórter, que acontece em razão da proximidade de localização ou interesse ao assunto, o que remete à convergência de processos. O segundo ponto reflete a facilidade propiciada pela tecnologia, presente nos *smartphones*, com suas multifuncionalidades de hardware, usadas na captura de imagens, sons e produção de textos, resultando na convergência de sistemas.

Os valores-notícia da proximidade e da participação, conferiram aos assuntos, a pauta como notícia. Verificou-se que a questão da proximidade, nos quadros e nas notícias, em relação aos sujeitos, foi o que estimulou para a participação. E, como incentivo à participação, os âncoras pedem para que os telespectadores enviem sugestões de pautas.

Conclui-se que o telejornalismo passa por transformação na produção de conteúdo, no qual o telespectador é, atualmente, um produtor e também uma fonte de informação que utiliza novas tecnologias para interagir e participar do conteúdo que será apresentado no telejornal. Neste formato, o sujeito se torna um colaborador na sugestão de pautas, mas não alcança o status de jornalista.

A participação se mostrou tímida e pouco expressiva em assuntos polêmicos ou de maior relevância. Mostrou-se que o critério para a escolha de assuntos enviados, pelos participantes, parte da geolocalização do mesmo.

É importante constar que foi enviado para a equipe de jornalismo da Rede Vanguarda algumas questões, com o objetivo de entender mais sobre os objetivos do *app* e da empresa. Contudo, mesmo com insistência, não houve nenhum retorno.

Referências

AGUADO, Juan Miguel. La indústria del contenido em la era Post-PC: Horizontes, amenazas y oportunidades. In: CANAVILHAS, João. **Notícias e Mobilidade: Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Covilhã – Portugal, UBI, LabCom, 2013.

ANELO, Cláudia Regina Ferreira. **Telejornal MS Record 1a edição e Whatsapp: uma análise da participação do público no conteúdo da TV por meio do aplicativo**. Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015

ÁVILES, José A.G., ALIAGA, Ramón Slaverria; MASIP, Pere. **Convergencia periodística en los medios de comunicación: Propuesta de definición conceptual y operativa**. In: Congreso Internacional Fundacional Ae-IC I+C Investigar la Comunicación. Santiago de Compostela, 2008. Disponível em http://www.ae-ic.org/santiago2008/contents/esp/comunicaciones_det2382a.html?id_seccio=3&id_apartat=2&id_callfor=134. Acesso em 21/05/2016.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 5 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Chris. **Nosotros, el medio: Como las audiencias están modelando el futuro de las noticias y la información**. Traducido por Guillermo Franco. 2003. Colombia: The Media Center at the American Press Institute, 2003.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de Proximidade**. Coimbra: Minerva, 2002.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2006. Disponível em www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=602. Acesso em 10/01/15.

CHAPARRO, Carlos. **Quarta revolução, a das fontes**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/comentarios/mural18.htm>. Acesso em 11/03/15.

FIDLER, R. **Mediamorphosis**. Barcelona: Granica, 1997.

GALANTE, Cláudia; GUARESCHI, Pedrinho. **Convergência midiática: uma nova forma de participação democrática**. Artigo apresentado no XV Abrapso, s.d. Disponível em http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/369.%20converg%C3%A2ncia%20midiatica.pdf. Acesso em 23/02/15.

GONÇALVES, Elias M. **La estructura de la noticia en las redes digitales. Un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo**. Tese Doutoral. Departamento de Periodismo y Ciencias de la Comunicación. Universidad Autónoma de Barcelona, 2000.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. Tradução Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, André. **Cidade e mobilidade**. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. Matrizes: USP, v.1, n.1, 2007, pp.121-137. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/29/43>. Acesso em 07/02/15.

_____. Arte e mídia locativa no Brasil. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fábio (Orgs). **Comunicação e Mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: Edufba, 2009a.

_____. **Cultura da mobilidade**. Porto Alegre: Revista Famecos, n.40, dezembro de 2009b, pp-28-35.

MALINI, Fábio. **Modelos de colaboração nos meios sociais da internet**: Uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo. Artigo apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação durante o XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Natal-RN de 2 a 6 de setembro de 2008.

MELLO, Aline F. de. *et al.* Jornalismo adaptado a novas telas: um estudo da linguagem jornalística nas novas interfaces móveis. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan (Orgs). **Jornalismo para dispositivos móveis**: produção, distribuição e consumo. Covilhã: UBI, LabCom, Livros LabCom, 2015.

PALACIOS, Marcos. **O medo do vazio**: comunicação, socialidade e novas tribos. Revista Vivências, n.7, Natal, UFRN, 1993.

PELLANDA, Eduardo C. **Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento**. Artigo apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Belo Horizonte, de 2 a 6 de setembro de 2003. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf>. Acesso em 15/01/15.

PERUZZO, Cicília Maria K.; VOLPATO, Marcelo de O. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferença. Revista Líbero, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009.
PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo R. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. *Contracampo (UFF)*, v. 14, pp. 37-56, 2006. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso em 11/03/15.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo R. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. *Contracampo (UFF)*, v. 14, pp. 37-56, 2006. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf>. Acesso em 11/03/15.

REZENDE, Ivan S. **Aplicativos agregadores de informação jornalística para dispositivos móveis**: Uma exploração pela Teoria Ator-Rede. Tese de Doutorado. 2016. Universidade da Beira Interior, Covilhã – Portugal.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Sumus, 2000.

RIFKIN, Jeremy. **A Era do Acesso**. Tradução Maria Lucia G. Rosa. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2001.

RUBLESCKI, Anelise; BARICHELLO, Eugenia; DUTRA, Flora. Apps jornalísticas: panorama brasileiro. In: CANAVILHAS, João. **Notícias e Mobilidade**: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã – Portugal, UBI, LabCom, 2013.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado**: convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2009.

SATUF, Ivan. **Jornalismo para tablet e a emergência de contratos comunicacionais**. XIII Congresso Internacional Ibercom – Comunicación, Cultura e Esferas de Poder. Universidade de Santiago de Compostela, de 29 a 31 de maio de 2013.

SILVA, Fernando F. da. **Jornalismo e tecnologias da mobilidade**: conceitos e onfigurações. Artigo apresentado no II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber, de 10 a 13 de novembro de 2008. Disponível em <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Fernando%20Firmino%20da%20Silva.pdf>. Acesso em 15/01/15.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são? 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005. 2v.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa; COSTA, Ana Manuela Arantes. **Conteúdos Colaborativos na Construção da Dinâmica do Telejornal**. Artigo apresentado no GP Telejornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pêsoa; PIMENTEL, Tatiane Dias. **Televisão e Internet: Interatividade entre as duas mídias e a abertura de um novo espaço para a cidadania**. Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade transnacional. Lisboa: Editoriais Notícias, 2004.

VANGUARDA, Rede. Disponível em: <http://g1-globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/index.html>. Acesso em: 10/07/2016.

VANGUARDA, Rede. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/sp/tvvanguardia/noticia/2015/03/saiba-como-usar-o-aplicativo-vanguardia-reporter.html>. Acesso em: 10/07/2016.

VANGUARDA, Rede. Disponível em: <http://g1-globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/link-vanguardia/videos>. Acesso em: 10/07/2016.